

CURSO DE CHIMICA INDUSTRIAL/UFRGS: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DOS HISTÓRICOS ESCOLARES

Bruna Argenta Model¹

Ana Regina Berwanger²

RESUMO

O presente trabalho apresenta a Transcrição e Análise Paleográfica dos livros de matrícula e históricos escolares do Curso de Química Industrial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 1921 a 1923. Revisa alguns conceitos de Paleografia e expõe um pequeno histórico da Escola de Engenharia desta Instituição e do Curso de Química Industrial. Apresenta um levantamento de dados relevantes quanto às informações contidas nos livros, demonstrando algumas possibilidades de pesquisa histórica desta documentação. Apresenta a transcrição paleográfica dos documentos, bem como na análise, os elementos gráficos, materiais e complementares. Discute condições de guarda e preservação documental, como acondicionamento, conservação preventiva e acesso. Propõe mudanças estruturais e de trabalho para melhor conservação e acesso aos documentos.

PALAVRAS CHAVE: Transcrição e Análise Paleográfica. Curso de Química Industrial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia UFRGS.

¹ Graduanda do Curso de Arquivologia da FABICO/UFRGS. Endereço eletrônico: bruna.argenta@hotmail.com

² Docente do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço eletrônico: ana.berwanger@ufrgs.br

1 INTRODUÇÃO

Paleografia, o estudo das escritas antigas, se dedica à origem, forma e evolução da escrita, independentemente do tipo de suporte onde foi registrada ou do material utilizado para proceder a grafia.

Paleografia é a história em si, e tem com a memória uma relação estreita. Alterações nos estilos e forma de escrita ao longo dos séculos refletem mudanças históricas e sociais, o conteúdo e estilo dos manuscritos é o espelho das preocupações e mudanças da sociedade.

A Escola de Engenharia tem importância reconhecida no âmbito acadêmico, não somente pela excelência do ensino e das pesquisas lá realizadas, mas também por ser uma das primeiras Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul, bem como uma das bases fundadoras da UFRGS. Em mais de 115 anos de existência, a Escola conta com os impressionantes números de cerca de 13.500 formados em 14 graduações. Possui ainda 7 programas de pós-graduação. Ao todo são 59 laboratórios e aproximadamente 180 professores, cerca da metade PhDs.

Como resultado das atividades desta Escola, foram produzidos diversos documentos manuscritos que, atualmente, para sua leitura, interpretação e tratamento arquivístico se faz necessário o uso dos métodos paleográficos.

Com o objetivo de subsidiar o trabalho da Divisão de Documentação e desenvolvimento do estágio curricular I, foi realizado o projeto de Transcrição e Análise Paleográfica, realizado entre agosto e novembro de 2011, sob a supervisão da Arquivista Flávia Helena Conrado, diretora do Arquivo Geral da UFRGS e orientação da Professora Ana Regina Berwanger, Docente da mesma Universidade.

Este trabalho está dividido em 5 seções, a saber: introdução, referencial teórico, relato do desenvolvimento do projeto, análise paleográfica e considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo irá tratar da contextualização teórica e histórica pertinentes aos assuntos desenvolvidos neste trabalho.

2.1 A PALEOGRAFIA

A necessidade de analisar a autenticidade e veracidade dos documentos, para poder julgar da aceitação ou rejeição do seu conteúdo, situam-se primeiramente, em tempos longínquos da Idade Média, no século XVII. Seu estudo teve início com a Guerra Diplomática, com o monge beneditino Jean Mabillon que, “[...] no seu livro *De Re Diplomatica*, apresentou a primeira tentativa de classificação dos vários tipos gráficos de acordo com as formas que apresentam.” (COELHO, 2008)³. A partir de então o desenvolvimento desta área tem grande crescimento, principalmente na segunda metade do século XVIII, Segundo Berwanger,

Neste período, vários países da Europa publicam trabalhos de cunho paleográfico, sendo então o período da afirmação da Paleografia. Abrem-se escolas e centros de estudos paleográfico em alguns países e ainda criam-se as cátedras desta ciência em várias universidades. (BERWANGER, 2007, p. 201).

A Paleografia começou a ser ensinada nas universidades, onde foi separada definitivamente da Diplomática, e seu estudo é amplamente difundido na Europa, principalmente na Alemanha, Itália, França e Espanha. Ao final do século XX passa a ser considerada uma técnica e é cada vez mais incorporada aos currículos das universidades.

Tecnicamente, envolve a análise da caligrafia dos manuscritos antigos. Estes estudos, como ângulo de traços, densidade da tinta e sua composição, características gerais do escriba tornam o paleógrafo capaz de datar cronológica e topograficamente o documento, atestando sua autenticidade ou revelando uma falsificação.

A Paleografia trabalha com manuscritos, independente do suporte em que as informações tenham sido gravadas. Dentre estes suportes e materiais estão, segundo Berwanger (1995), a argila, barro, casca de árvore, ossos, pedras, papiro, pergaminho e palimpsestos e, por fim, o papel. Outro aspecto físico analisar é o material com foram registradas as informações, como estilete, cálamo, pincel, grafite, pena de ave e posteriormente a de aço, caneta tinteiro.

Mas a Paleografia não envolve apenas o material sobre o qual e com o que se escreve, também está sob sua alçada a análise do modo de traçar a letra, a pontuação e

³ Documento eletrônico. Disponível em: <<http://www.paleografia.org/site/?p=38#more-38>>.

abreviaturas, estilo de texto e o escriba que o escreveu/copiou. Esta ciência é usada para identificar situações temporal/espacialmente, garantindo a preservação do conhecimento da antiguidade para as sociedades futuras.

2.2 A ESCOLA DE ENGENHARIA

Idealizada por um grupo de engenheiros militares, nasceu a Escola de Engenharia, no ano de 1896, a segunda instituição de ensino superior da cidade. À época de sua criação, Júlio de Castilhos, o então presidente do Estado do Rio Grande do Sul e devoto do Positivismo, deu grande apoio.

A Escola iniciou as atividades docentes em janeiro de 1897, em salas “[...] do Atheneu Rio-grandense, cedidas à Escola de Engenharia pelo governo do Estado e onde aconteceriam as primeiras aulas.” (HASSEN, 1996, p. 16). Composta de vários institutos dedicava-se não somente ao ensino superior, mas também à educação básica, com o Instituto Ginásial Julio de Castilhos, e ao ensino técnico, com o instituto de Eletrotécnica.

A qualidade e fama desta instituição é posta em palavras no relatório da Escola, apresentado pelo diretor ao Conselho:

Um estabelecimento que constitue, no meio de tudo isso, um orgulho para o Rio Grande ou, melhor, para o Brazil inteiro, é a Escola do Engenharia de Porto Alegre, cuja perfeição, como instituição de ensino, é verdadeiramente maravilhosa. (ESCOLA... 1920, p. 15).

Atendendo às necessidades do mercado pós-guerra, em 1920 é criado o curso de Química Industrial. Em 1930, a Escola de Engenharia integra-se a Universidade de Proto Alegre (UPA), que posteriormente foi englobada pela Universidade do Rio Grande. A federalização desta, em 1950, juntando-se às faculdades de Medicina, Direito, Belas Artes e Filosofia, Ciências e Letras, dá origem a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2.3 O CURSO DE QUÍMICA

O curso de Química Industrial é criado, em 1920, para atender à demanda industrial do período pós-guerra, inspirado nos países que se reconstruíram após a devastação do combate. Na estrutura da Escola, o curso de química estava subordinado ao Instituto Eletrotécnico, como mostra o Relatório da Escola de Engenharia de 1919.

Neste Instituto deverá ser creado no corrente anno o curso de chimica industrial para o qual o governo Federal. Por um acto do Congresso Nacional, vae concorrer com o seu auxilio.

É desnecessário repetir as vantagens de semelhante curso, tão sobejamente demonstradas em outros paizes no seu desenvolvimento e formação de sua prosperidade. (ESCOLA... 1920, p. 16).

A primeira turma iniciou o curso em 1921, com apenas quatro alunos, mas em pouco tempo, o número de matriculados crescia significativamente, de forma a atender as atividades acadêmicas e comportar os laboratórios e instalações adequadas, em 1922 foi iniciada a construção de um prédio específico para abrigar o curso.

Em 1925 o prédio, cujo projeto é de autoria desconhecida, é terminado, e o curso, que é elevado a Instituto de Química Industrial, passa a ocupá-lo, mas a inauguração oficial é feita somente no ano seguinte

O curso tinha a duração de quatro anos, sendo três de disciplinas relevantes ao trabalho profissional e mais um ano de especialização em assuntos de “reconhecida utilidade”. O curso contava com o seguinte currículo (ESCOLA..., 1929, p. 19-20):

a) 1º Ano:

- Física experimental,
- Mineralogia e Geologia,
- Química Geral e Inorgânica,
- Química Analítica Qualitativa;

b) 2º Ano:

- Conhecimentos gerais de maquinas, aplicados às Indústrias Químicas,
- Química Orgânica,
- Química Industrial (parte inorgânica),

- Química Analítica Quantitativa,
- Desenho Industrial,
- Eletricidade;

c) 3º Ano:

- Eletro-Química,
- Química Biológica,
- Química Física,
- Química Industrial (parte orgânica),
- Química Analítica aplicada a Indústria,
- Noções de Microbiologia – Fermentos,
- Leis e Contratos sobre Indústrias Químicas;

d) 4º Ano (Especialização):

- Adubos e corretivos,
- Laticínios,
- Enologia,
- Indústrias de fermentações (vinagre, cerveja, álcool e derivados),
- Conservas alimentícias,
- Gorduras e derivados,
- Açúcar,
- Féculas,
- Curtume,
- Papel e fibras,
- Destilação de madeira,
- Ulha e derivados,
- Cal e cimento,
- Cerâmica e vidro,
- Indústrias metalúrgicas.

As turmas eram pequenas, com média de 4,4 alunos, o ano com maior entrada teve 7 matrículas, entretanto, em 1929, foi aberto o curso de Químicos Analistas, com

dezenove pessoas matriculadas, e, apesar da grande procura, não houve matrículas em outros anos, no gráfico abaixo está demonstrada a densidade de matrículas do período trabalhado.

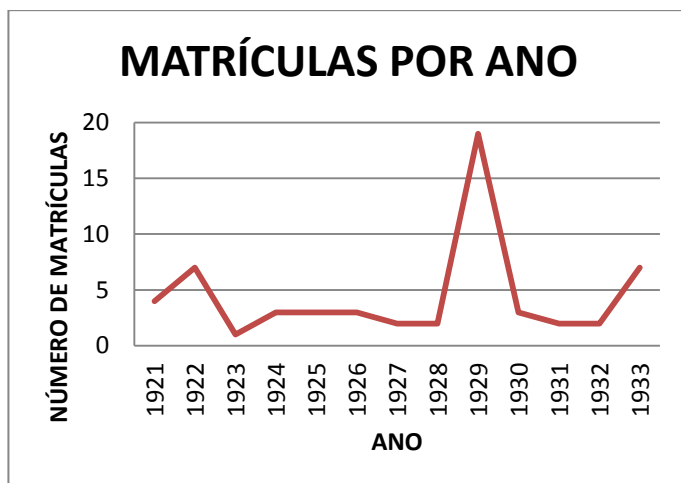


Figura 1 - Densidade de matrículas do período trabalhado

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

Na década de 1950, a Escola de Engenharia cria o curso de Engenharia Química, com duração de cinco anos, e o curso de Química Industrial é extinto.

3. RELATO DO PROJETO

A documentação é composta dos livros de matrícula e históricos escolares, com formulário já impresso. Preenchido com informações sobre a vida do matriculado, como idade, filiação, naturalidade, fotografia e com o histórico escolar.

Escolhida por apresentar uma possibilidade de trabalho fascinante, abrangendo o período do pós-guerra, a Revolução de 1923, a quebra da Bolsa de Valores dos Estados Unidos, a reforma ortográfica de 1930, entre outros acontecimentos que direta ou indiretamente interferem na comunidade acadêmica e na sociedade em geral, refletindo na documentação produzida por esta instituição. No contexto universitário, a documentação atesta a história da instituição e de um de seus cursos mais antigos.

Foi feito um levantamento de dados relevantes quanto às informações contidas nos livros, demonstrando algumas das inúmeras possibilidades de pesquisa histórica desta documentação.

Quanto às características físicas, os livros apresentam pequenas descolorações na capa, manchas e algumas folhas soltas, mas no geral, bem conservados, favorecendo o uso pelo pesquisador. Há livros em dois tamanhos diferentes, sendo que o primeiro livro mede 325mm x 214mm e os demais 468mm x 320mm.

Os livros são feitos em papel de celulose e os campos preenchidos com tinta nanquim, e as fotografias são coladas com cola branca e muitas apresentam deterioração pelo tempo, fungos ou ataques biológicos.

O acondicionamento não é o ideal, ou mesmo adequado: os livros estão dispostos sobre uma mesa de madeira, sob uma janela, sem proteção da luz solar, e que quando é aberta, expõe o acervo a poeira e a fumaça dos carros; condições inadequadas, especialmente em se tratando de uma documentação com valor histórico tão relevante para a instituição. Foram feitas pequenas ações, que serão descritas posteriormente, para minimizar os danos existentes e evitar o surgimento de novos problemas.

A escolha das atividades a serem desenvolvidas no estágio foi baseada em conversas com a Arquivista responsável pela documentação, antes do início das atividades, onde foram levantadas todas as hipóteses de trabalho.

Dentre o acervo apresentado, a documentação do curso de Química Industrial foi escolhida, também pelas características históricas anteriormente citadas, mas em grande parte pelo potencial de trabalho paleográfico, pois atesta mais de uma década na evolução da escrita.

As atividades foram iniciadas com a separação destes livros, mantendo a ordem por curso e produção do restante do acervo.

Após a escolha do acervo com que trabalhar, o primeiro passo foi higienizar os documentos, pois haviam-se passado algumas décadas de guarda com o acondicionamento incorreto, o que causou o acúmulo de sujidades, danos por agentes biológicos e deteriorações devido ao manuseio inadequado. Para a higienização foram usados os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), bem como trincha e bisturi, e pelo local não dispor de equipamentos mais adequados, como mesa de higienização,

para conter e evitar que as partículas retiradas retornassem ao documento e ao ambiente foi improvisada uma capela de papel.

Para o arquivista, e outros profissionais da informação é um grande desafio manter a integridade física dos acervos, pois como diz Schellenberg em seu livro *Arquivos Modernos*,

Os documentos modernos são, por assim dizer, quase tão efêmeros quanto volumosos. [...] Não haverá perigo de submergir-se na inundação de documentos públicos modernos, pois estes desaparecerão rapidamente, quase na mesma proporção em que foram produzidos. (SCHELLENBERG, 2006, p. 231).

A importância da conservação reside no fato de que os documentos históricos constituem-se num registro cultural de uma determinada época e lugar, que podem ser significativos tanto para pequenos grupos quanto para toda a sociedade, e é responsabilidade do arquivista (e outros profissionais da informação) manter a integridade do suporte e da informação do acervo que custodia.

A higienização foi um processo mais longo que o previsto inicialmente, pois a documentação escolhida compunha-se de vários volumes, alguns requerendo uma maior atenção devido à deterioração do papel.

Todos os livros estavam envoltos em uma capa de papel pardo, que é sabidamente muito ácido e por este motivo, inadequado à guarda de documentos de caráter permanente. O primeiro passo foi a remoção desse material, bem como as fitas adesivas que o mantinham preso. As manchas de cola deixadas por estas fitas e a acidificação do papel nas páginas é irreversível, embora seus danos estejam agora diminuídos por essa intervenção.

O próximo passo foi a limpeza, com a trincha, de todos os cortes dos livros, bem como de todas as suas páginas, com especial atenção à lombada, pois algumas folhas se haviam rasgado e ali se tinham se depositado pequenas sujidades resultantes de antigas infestações biológicas e de maus cuidados na guarda. Alguns itens ainda mostravam sinais de terem sido expostos a ambientes de grande umidade: apresentavam descoloração e manchas nas capas e folhas, borrões de tinta e folhas empenadas.

Sujidades presas às páginas foram retiradas com o auxílio de um bisturi, o que se mostrou mais difícil que o esperado, visto que essas haviam se acumulado também nas fotografias.

Após este processo, iniciou-se a transcrição paleográfica dos livros de matrícula.

Definido o recorte da documentação com que trabalhar e a higienização, foi dado início então ao processo de transcrição paleográfica, que teve a duração de seis semanas (executada dentro do prazo previsto).

Já nas primeiras páginas surgiram dificuldades, pois, além da caligrafia característica, havia o fator ortográfico e de vocabulário, principalmente por se tratar de um assunto específico, foram necessárias algumas pesquisas e consultas com a supervisora e outras pessoas do setor para a compreensão de termos da Química (como Bromatologia e Cromatografia), mas transpostas essas barreiras, o trabalho se mostrou bastante agradável e com ritmo fixo.

A média de trabalho eram duas folhas e meia por dia, eventualmente alcançando maio ou menor número, de acordo com a complexidade da letra e do texto.

Finda a transcrição, iniciou-se a análise paleográfica. A atividade seguiu as normas para análise paleográfica presentes no livro *Noções de Paleografia e Diplomática*, da Professora Ana Regina Berwanger. A análise, que a pesar de ser uma atividade mais rápida e não tão complexa, exigiu um trabalho minucioso, requerendo muita atenção e novamente algumas pesquisas para identificar os instrumentos e características de escrita da época.

4. ANÁLISE PALEOGRÁFICA

Em relação aos aspectos gráficos,

a) Tipo de Letra

A letra é humanística cursiva, do início do século XX, de traçado regular, com inclinação à direita, traçadas, no âmbito da palavra, em sua maioria sem descanso das mãos e não apresenta grande complexidade de leitura.

Ex.: 1933 – Setembro 4 – Ordem 1ª “Faça-se” foi o despacho exarado em

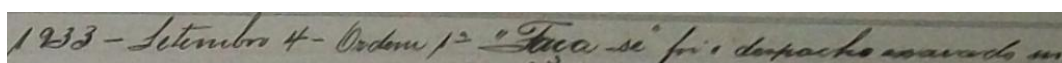


Figura 2 - Livro de 1923, fl.6, linha 01

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

b) Ductus

O documento apresenta ductus de vários secretários, mas estes não são identificados no documento.

Ex.: Secretário 01

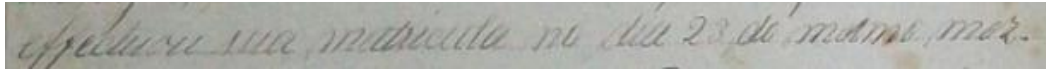


Figura 3 - Livro de 1921, fl.1v, linha 21

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

Ex.: Secretário 02

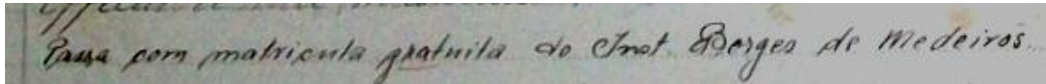


Figura 4 - Livro de 1921, fl.1v, linha 22

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

Ex.: Secretário 03

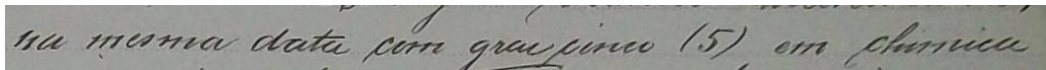


Figura 5 - Livro de 1921, fl.4, linha 7

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

c) Traços Adicionais

Apresenta traço adicional. Para marcar a finalização de uma linha ou frase, utiliza pontilhado.

Ex.: especialização

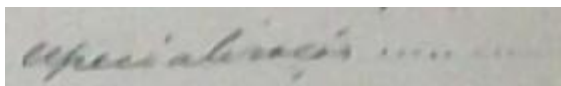


Figura 6 - Livro de 1932, fl.2, linha 12

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

d) Automatismos

Não apresenta.

e) Peso da Escrita

Normal.

f) Módulo

De normal a médio. As iniciais dos parágrafos e frases, bem como as letras “C” e “I” de Chimica e Industrial.

Ex.: Chimica Industrial, tendo sido

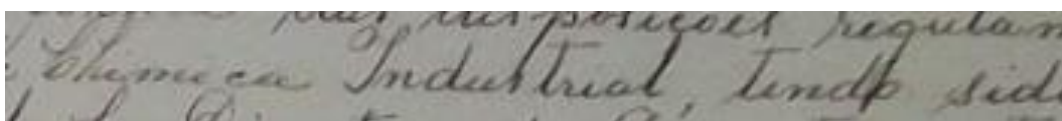


Figura 7 - Livro de 1926, fl.3

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

g) Ângulo da Escrita

Em se tratando de letra cursiva, a inclinação é para a direita.

Ex.: Promovido ao 2º ano

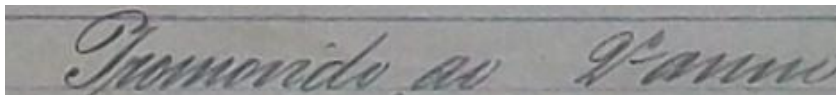


Figura 8 - Livro de 1927, fl.1, linha 14

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

h) Relação Usual/Canonizada

Possui padrão usual.

i) Relação Maiúscula/Minúscula

Apresenta o curso Chimica Industrial, eventualmente com minúscula **chimica** e maiúscula **Industrial**.

Ex.: chimica Industrial

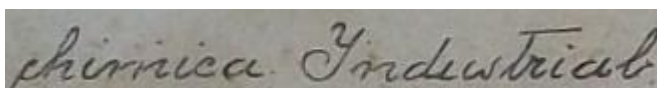


Figura 9 - Livro de 1923, termo de abertura, linha 6

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

Apresenta os nomes das disciplinas em maiúsculo.

Ex.: Chimica Analytica Qualitativa, reprovado; Chimica Geral e Inor

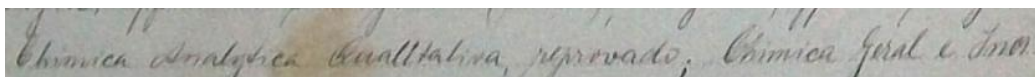


Figura 10 - Livro de 1921, fl.3v, linha 29

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

j) Distribuição das Palavras

Apresenta o desmembramento de palavras em sílabas.

Ex.: inorganica adiantada, terminando assim o primeiro anno

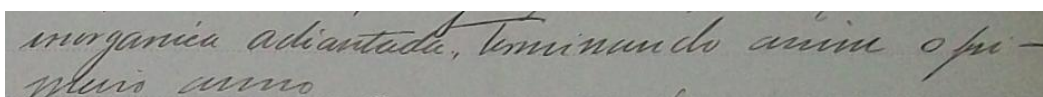


Figura 11 - Livro de 1921, fl.4, linhas 8 e 9

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

k) Pontuação

Apresenta sinais de pontuação durante e ao findar os períodos.

Ex.: Porto Alegre, 21 de Fevereiro de 1923.

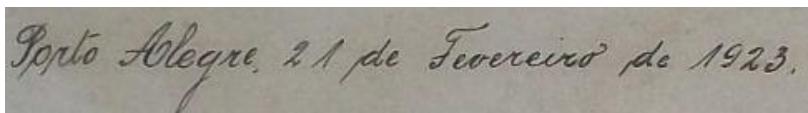


Figura 12 - Livro de 1923, termo de abertura, linha 7

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

l) Acentuação

Apresenta acentuação em todos os nomes próprios.

Ex.: Antônio Menezes

Figura 13 - Livro de 1921, linha 4

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

Ex.: João Umann

Figura 14 - Livro de 1921, fl.3v., linha 5

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

m) Numeração Romana/Arábica

Apresenta apenas numeração arábica.

Ex.: número 714 de 27 de Outubro

Figura 15 - Livro de 1930, fl.1, linha 5

Fonte: Dados coletados durante o estágio.

n) Sinais Taquigráficos

Não há uso de sinais taquigráficos ou de notas tironianas.

Quanto aos aspectos materiais,

a) Suporte da Escrita

Papel de celulose, não apresenta marca d'água. Folha já impressa com formulário e pautas.

b) Instrumento de Escrita

Provavelmente escrito com caneta tinteiro.

c) Tinta

A tinta usada é Nanquim, Predominantemente na cor preta. Azul foi usado para registro somente em 1933, e a tinta vermelha unicamente para retificações.

d) Encadernação

Encadernação em capa dura, sem douração, anterior aos registros.

e) Dimensão

O primeiro livro mede 325mm x 214mm, os demais medem 468mm x 320mm.

f) Estado de Conservação

O estado de conservação é bom, o papel não possui rasgos ou perfurações, mas há manchas de possível ataque de fungos, e de acidificação devido à exposição ao sol, bem como migração ácida de recortes “guardados” em seu interior. Não há manchas de tinta. As encadernações estão em bom estado, embora haja algumas costuras se desfazendo.

Quanto aos aspectos complementares.

a) Época do Documento

As datas limite são 1921 – 1933, embora haja registro de datas posteriores.

b) Origem do Documento

Curso de Química Industrial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à época, subordinado à Escola de Engenharia desta instituição.

c) Relação Autor/Escrita

Documento autógrafa e não autógrafa, em vista das manifestações de diversas autorias.

d) Relação Original/Cópia

Documentos originais.

e) Localização em Arquivo

Fundo: EENG/AEQUIVO GERAL , série [125.4], subsérie 125.41 - Histórico Escolar. Integralização Curricular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou descrever as atividades desempenhadas no decorrer do Estágio em Arquivologia I, realizado no Arquivo Geral da Universidade do Rio Grande do Sul.

Em termos críticos poderia destacar como foi positivo, desde o início do estágio, o acolhimento que me foi dispensado pela equipe dos profissionais do Arquivo, que demonstraram estar à altura, não só das tarefas que lhes são atribuídas, como também das respostas às muitas questões por mim colocadas. As orientações e informações recebidas, tanto da professora orientadora como da arquivista que realizou a supervisão contribuíram grandemente com a aprendizagem e crescimento acadêmico e profissional.

Foi uma oportunidade de por em prática a teoria, e por que não dizer, teorizar a prática, aprimorando o senso crítico e avaliando os métodos utilizados, oferecendo mais segurança no processo futuro de ações e decisões profissionais.

Durante o estágio foram observadas algumas situações e necessidades que alicerçam as seguintes recomendações:

- a) que o Arquivo transfira a documentação para uma sala com melhores condições de armazenamento, longe da incidência direta da luz solar, que é comprovadamente prejudicial ao papel e às tintas utilizados;
- b) que se faça a descrição e seja elaborado um instrumento de pesquisa, para facilitar o acesso a esta documentação tão rica de informações para as mais diferentes áreas de pesquisa;
- c) que esta documentação passe por um processo de conservação/restauração adequado, visando fazer os reparos necessários, retirar sujidades resultantes do manuseio e de infestações biológicas.

REFERÊNCIAS

BERWANGER, Ana Regina. A paleografia e o Projeto Resgate Barão do Rio Branco. In: RICHTER, Eneida Izabel Schiemer; ARAUJO, João Candido Graça. **Paleografia e diplomática no curso de Arquivologia - UFSM**. Santa Maria: Facos - Ufsm, 2007.

BERWANGER, Ana Regina. **Noções de paleografia e de diplomática**. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 1995.

COELHO, Teresa. **Classificação das escritas**. Disponível em: <<http://www.paleografia.org/site/?p=38#more-38>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. **Estatutos da Escola de Engenharia de Porto Alegre**. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia, 1929.

ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. **Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1919**. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da de Engenharia de Porto Alegre, 1920.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra; FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Escola de Engenharia/UFRGS: um século**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.